

INSTITUTO FEDERAL GOIANO – IF GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (LATO SENSU)
DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

O DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
E SUAS RELAÇÕES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DA
EXPANSÃO DIGITAL

IPAMERI/GO
JUNHO/2020
HELLEN BIANCA CELESTINO FONSECA

INSTITUTO FEDERAL GOIANO – IF GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (LATO SENSU)
DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

O DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTE E
SUAS RELAÇÕES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DA
EXPANSÃO DIGITAL

HELLEN BIANCA CELESTINO FONSECA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior, orientado pela Prof.^a Ms. Hilma Aparecida Brandão.

IPAMERI/GO
JUNHO/2020



Goiano

Repositório Institucional do IF Goiano - RIIF

Sistema Integrado de Bibliotecas

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Hellen Bianca Celestino Fonseca

Matrícula: 2017112301630362

Título do Trabalho: O desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes e suas relações: desafios e possibilidades no contexto da expansão digital

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 24/07/2020

O documento está sujeito a registro de patente? Sim NãoO documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Ipameri, 23/07/2020.
Local Data_____
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 7/2020 - CMPAIPA/IFGOIANO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

ATA Nº/07

BANCA EXAMINADORA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e quatro dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte, às 16h00min (dezesesseis horas), reuniram-se os componentes da banca examinadora em sessão pública realizada por videoconferência, para procederem a avaliação da defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, em nível de especialização, de autoria de **HELLEN BIANCA CELESTINO FONSECA**, discente do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior do Instituto Federal Goiano – Campus Avançado de Ipameri. A sessão foi aberta pelo(a) presidente da Banca Examinadora, Prof. M.a. Hilma Aparecida Brandão, que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra, a seguir, foi concedida o(a) autor (a) para, em 20 min., proceder à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu o(a) examinado(a), tendo-se adotado o sistema de diálogo sequencial. Terminada a fase de arguição, procedeu-se a avaliação da defesa. Tendo-se em vista as normas que regulamentam o Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior, e procedidas às correções recomendadas, o Trabalho de Conclusão de Curso foi APROVADO, com Média Final 9,3, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior, na área de concentração em Educação, pelo Instituto Federal Goiano – Campus Avançado de Ipameri. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega na secretaria do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior da versão definitiva do Trabalho de Conclusão de Curso, com as devidas correções. Assim sendo, a defesa perderá a validade se não cumprida essa condição, em até 30 (**trinta**) dias da sua ocorrência. A Banca Examinadora recomendou a publicação dos artigos científicos oriundos desse Trabalho de Conclusão de Curso em periódicos após procedida as modificações sugeridas. Cumpridas as formalidades da pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, e para constar, foi lavrada a presente Ata, que, após lida e achada conforme, será assinada eletronicamente pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca Examinadora

Nome	Instituição	Situação no Programa
Hilma Aparecida Brandão	IFGoiano – Campus Avançado de Ipameri	Presidente
Maria Luiza Batista Bretas	IFGoiano – Campus Avançado de Ipameri	Membro interno

Mayline Regina Silva	Secretaria Municipal de Goiânia, Centro Universitário Araguaia e Faculdades Fan Padrão	Membro Externo
----------------------	--	----------------

Documento assinado eletronicamente por:

- **Hellen Bianca Celestino Fonseca, 2017112301630362 - DISCENTE**, em 29/06/2020 22:01:06.
- **MAYLINE REGINA SILVA, PROFESSORA REDE MUNICIPAL DE GOIÂNIA-GO**, em 29/06/2020 16:00:21.
- **Maria Luiza Batista Bretas, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 24/06/2020 20:33:19.
- **Hilma Aparecida Brandao, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 24/06/2020 18:11:33.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 24/06/2020. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 196810

Código de Autenticação: c18c3c5ecd



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Avançado Ipameri
Av. Vereador José Benevenuto (GO - 307), Zona Rural, None, IPAMERI / GO, CEP 75780-000
(64) 3491-8400

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.”

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar meus passos e me fortalecer diante de cada situação.

À minha família, por me apoiar e por todo amor.

Aos professores, por proporcionarem grande aprendizado e os servidores do IF Goiano / Campus Avançado Ipameri que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação.

À minha orientadora, Prof^a. Ms. Hilma Aparecida Brandão, pela atenção, disponibilidade e paciência durante a orientação, bem como pela oportunidade de aprendizagem e crescimento tanto profissional quanto pessoal.

Aos meus amigos de curso, pela amizade e momentos de interação e alegria.

Enfim, minha gratidão a todas as pessoas que fizeram parte de minha formação.

SUMÁRIO

Resumo.....	9
INTRODUÇÃO.....	9
Família e Escola: uma relação acerca dos limites e autoridade.....	15
Relação Escola e Aluno: disciplina e afeto.....	21
Relação Família, Escola e Tecnologia: desafios e possibilidades.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	37

O DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E SUAS RELAÇÕES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DA EXPANSÃO DIGITAL

Orientanda: Hellen Bianca Celestino Fonseca

Orientadora: Prof^a. Ms. Hilma Aparecida Brandão

Resumo: Este artigo é um trabalho que aborda sobre o desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes nos ambientes familiar e escolar, considerando o contexto das transformações tecnológicas. A proposta é refletir, através de pesquisa bibliográfica, os desafios da educação fundamentada nas relações estabelecidas no decorrer do processo de aprendizagem, considerando o impacto da expansão digital. Com isso, pondera-se uma das principais necessidades atuais da educação no âmbito familiar e escolar, que é o desenvolvimento das habilidades socioemocionais por meio do conhecimento sobre o pensamento e comportamento humano, propiciando uma qualidade de vida e do bem-estar psíquico de todos os envolvidos nesse processo de aprendizagem: família, escola e alunos.

Palavras-chave: Família; Escola; Educação; Desenvolvimento e Novas Tecnologias.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vivencia uma realidade com grandes desafios em relação aos aspectos emocionais, relacionais e comportamentais no decorrer do processo do desenvolvimento humano, em crianças e adolescentes, considerando a expansão do mundo digital. Família e escola se deparam com o grande desafio de educar e formar crianças e adolescentes no novo contexto informado e conectado que o dinamismo da modernidade oferece.

Atualmente, a sociedade vivencia uma realidade com novas propostas de relações interpessoais em relação às posturas e comportamentos. Surgem diferentes estilos de vida permeados pela velocidade dos processos existenciais, socioemocionais e educativos na preparação de crianças e adolescentes para a vida.

Para Abed (2014), na atual realidade vivemos um mundo acelerado e competitivo no cotidiano das pessoas, seja na infância e adolescência, nas relações de trabalho dentre outras. Para ela, a Educação como sistema, pouco se

transformou com as mudanças geracionais e avanços tecnológicos ao longo dos tempos.

Diante as reflexões de Morin (2000a), faz-se necessário promover uma grande mudança em relação ao processo educacional. O desenvolvimento pleno do ser humano deve acontecer não só considerando o conhecimento cognitivo, e sim, ser atrelado ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais buscando incentivar o autoconhecimento. Para isso, é imprescindível investir na formação e preparação de professores, ampliar a ação pedagógica por meio de técnicas e ferramentas específicas que auxiliem as crianças e adolescentes no gerenciamento de suas emoções. E a partir disso, promover o desenvolvimento da empatia para estabelecer padrões de convívio que favoreçam o amadurecimento e o desenvolvimento humano diante as relações intrapessoais e interpessoais.

Segundo Morin (2001), compreender o comportamento das crianças e adolescentes frente aos conflitos da sociedade contemporânea e o grande número de informações devido às mudanças geracionais torna-se muito desafiante aos pais e à escola. Em uma sociedade marcada por velozes transformações, com o avanço das tecnologias, informações são processadas e compartilhadas a todo momento, sendo que, não é oferecido uma preparação adequada para receber e saber lidar com a grande quantidade de informações. Para ele, faz-se necessário considerar a importância da preparação do ser humano em toda sua complexidade e diversidade, para ampliar as possibilidades de novos conhecimentos. Com isso, surgem muitos conflitos ao longo do desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Para Abed (2014), deve acontecer uma transformação na escola em relação à complexidade do conhecimento.

Sentir e fazer são a linguagem da educação, do conhecimento transdisciplinar: aquele conhecimento ativo que possibilita estabelecer contato com o mundo sem precisar de passaporte para navegar entre Ciência, Filosofia e a Arte. É através da ação cognitiva que nos chegamos a nós mesmos, aos outros e ao mundo. O sentido da educação é a perspectiva do encontro do homem consigo mesmo, com a Natureza e com a sociedade: um ato de afeto e ternura (...). Promover o encontro verdadeiro entre Homem, Sociedade e Natureza é o desafio da complexidade do conhecimento. Compartilhar esse conhecimento entre as pessoas é o desafio da educação. (ABREU JR., 1996, p. 187)

Desta forma, considera-se que família e escola devem estabelecer uma aliança e buscar entender que o educar deve oferecer oportunidades de

desenvolvimento às crianças e adolescentes. Sendo importante trabalhar o autoconhecimento para oferecer possibilidades de desenvolvimento às condições do mundo contemporâneo, estabelecendo novos padrões de convívio e relacionamentos nos contextos em que estão inseridos.

Em meio à rotina diária de pais e escola, em relação aos desafios e possibilidades no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes para saber “quem educa quem” e “como se educa”, surgem os questionamentos: “Qual é o papel da família?”, “Como manter o bom convívio entre pais e filhos?”, “Como impor autoridade e limite a crianças e adolescentes?”, “Qual é o papel da escola?”, “Quem deve educar?”, “Como educar?”, “Como lidar com crianças e jovens despreparados emocionalmente?”, “Como não deixar que a tecnologia atrapalhe o convívio e o estudo das crianças e adolescentes?”, “Como família e escola devem preparar os sujeitos para vida?”.

Família e Escola enfrentam desafios e dificuldades na Educação de crianças e adolescentes. As responsabilidades se confundem devido às transformações diante um mundo contemporâneo. Os pais disponibilizando mais tempo e dedicação ao trabalho, e a escola assumindo a responsabilidade de cuidar e educar as crianças e adolescentes.

Visando uma perspectiva da compreensão das transformações no atual contexto da sociedade, para Weber (2007) é preciso entender a educação associada à afetividade e ao amor, uma vez que, família e escola busquem relações de integração que propiciem o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

A busca por uma condição melhor para sustentar padrões de vida perante uma sociedade consumista intensifica um distanciamento na relação entre pais e filhos. Isso gera conflitos familiares, os quais refletem, conseqüentemente, no ambiente escolar, como também, em outros ambientes de convivência. Entre os problemas decorrentes dessa situação a questão da disciplina é apontada por alguns estudiosos sobre o assunto. Para Tiba (2010, p. 93), “disciplina é uma qualidade construída na vida, fundamental para se atingir qualquer vitória, pois é a força da atitude necessária para conseguir a realização”.

Para Tiba (2010) essas situações de conflito, tornam-se frequentes nos ambientes familiar e escolar. Crianças e adolescentes estão crescendo sem referenciais de autoridade, limite e valores familiares.

O interesse pelo tema originou-se do contato com crianças, que mesmo com quatro anos apenas chegam à sala de aula apresentando dificuldades de socialização em função da falta de limite, por total ausência da família ou por excesso de proteção. Profissionalmente essa é uma das grandes dificuldades que venho enfrentando, ensinar às crianças regras que antes eram praticamente naturais e de certa forma suprir a ausência dessa função dos pais ou responsáveis.

Considera-se aqui como hipótese para que as crianças cheguem com tal comportamento a substituição de relações pessoais, pelo celular, tablet ou a própria televisão, ou seja, o contato com os recursos tecnológicos a sua disposição. Dentro disso, o artigo abordará questões relacionadas à capacidade das crianças e adolescentes em desenvolver habilidades socioemocionais e adquirir conhecimentos no contexto dos avanços que a modernidade oferece, uma vez que, tratam-se de indivíduos despreparados para enfrentar frustrações e decepções oriundas do dia-a-dia. A maioria deles não consegue lidar com o não e com as regras estabelecidas, o que é perceptível no dia a dia da escola, na qual estou inserida.

Entre os problemas apontados por profissionais da educação, ganham destaque, as condições familiares e sociais, que de acordo com Abed (2014), são marcadas por carências afetivas, alimentares, materiais e situações de violência ou abandono. Esse tema é abordado por Cortella (2017, p. 08), ao apontar que, “nós temos hoje urgências e turbulências na questão da família. E algumas dessas urgências não podem ser adiadas. Precisamos nos lembrar de que, em muitas situações, é melhor agir cedo antes que seja tarde”.

Com isso, verificamos que o problema deve ser discutido. Como decorrência das transformações ocorridas com o advento do neoliberalismo, observa-se que essa geração de crianças e adolescentes está se formando influenciada por transformações que provocam mudanças na maneira de ser do sujeito bem como na sua forma de interagir com o mundo.

Essas transformações atingem o meio educacional, exigindo modificações e adaptações constantes no ambiente escolar, principalmente na postura e conduta dos educadores, no que concerne às estratégias e técnicas de ensino e as formas de aprendizado.

Segundo Morin (2001) é desafiante aos educadores lidar com as novas gerações, engajá-las diante os desafios devido às mudanças do atual contexto social. No cotidiano da escola surgem situações carregadas emocionalmente, que

muitas vezes, a escola está despreparada para resolver. Para Abed (2014) fica evidente que

[...] o trabalho pedagógico com vistas ao desenvolvimento socioemocional não deve ser considerado como 'mais uma tarefa do professor', mas sim como um caminho para melhorar as relações interpessoais na sala de aula e construir um clima favorável à aprendizagem. (ABED, 2014, p.122)

Ao considerar o reflexo da desestrutura familiar, Cortella (2017), aponta

[...] um falecimento das condições de formação e criação de crianças e jovens. Muita gente entrega os pontos, desiste de fazer o esforço com inteligência que é necessário para formar alguém. Isto é, há necessidade de nós, adultos, nos estruturarmos quase como uma força-tarefa para não perder essa geração, que é exuberante em vários aspectos, capaz de ações maravilhosas, mas também capaz de produzir horrores, enfraquecimentos éticos e distorções na convivência. (CORTELLA, 2017, p. 09)

Dessa forma, chama a atenção para a necessidade de valorizar as habilidades dessa nova geração, mas também para os riscos causados por essa incapacidade do adulto de se responsabilizar por sua formação ética e moral. Lembrando que é na escola que crianças e adolescentes passam a maior parte do tempo e, onde, se deparam com a imposição de regras e limites. Sendo portanto, o local onde os reflexos desses problemas acontecem nitidamente. Acostumados com a liberdade dada pelos pais e a fazer o que desejam, não aceitam ser contrariados, o que os deixam frustrados apresentando reações impensadas e agressivas. Segundo Içami Tiba (2010: 101), "se os filhos são privados das perdas, os pais estão aleijando os filhos na força para superar frustrações".

Diante disso, Cortella (2017) e Tiba (2010) consideram que família e escola devem se preparar para lidar com esses aspectos de afetividade que formam o comportamento de crianças e adolescentes em relação ao controle dos desejos e frustrações. Entretanto, os pais, ao invés de manterem uma postura firme e ativa, preferem buscar alternativas para suprir a ausência na relação familiar. E com isso, para proporcionar uma vida melhor ou mais feliz, oferecem tudo aos filhos sem que esses, pelo menos, demonstrem esforço ou merecimento para tal.

Assim, esses autores acreditam que os pais criam indivíduos sem capacidade para pedir, acomodados e, conseqüentemente, ingratos, cooperando para que se tornem crianças e adolescentes mimados, manipuladores, capazes de usar as

situações para atingir os próprios objetivos e conseguir o que desejam. Falam dos pais, que na criação e educação dos filhos, por não dominarem habilidades, se tornam sem autoridade em relação às ações e atitudes cotidianas. Sendo que, essa liberdade dos pais aos filhos, essa superproteção pode ser a manifestação da falta de autoridade de quem deveria impor regras e limites.

Para Tiba (2010), a formação da personalidade deve ponderar-se na propagação de valores com exemplos e atitudes evidenciados por não os na trajetória de vida de cada ser humano, uma vez que, para a inserção de valores é necessário regras para disciplinar, tempo para observar e cuidado para agir.

No entanto, alguns pais observam, sinalizam e no instante de exercer a autoridade e dizer “não!”, cedem ao “sim!”, e com isso, criam indivíduos insuportáveis. Assim, a escola passa a assumir a responsabilidade de educar, transmitir saberes, ensinar ética e moralidade, impor valores e limites. Por estabelecer os princípios e o respeito no ambiente escolar, a escola enfrenta conflitos, por simplesmente, as crianças e adolescentes desconhecerem padrões comportamentais, de disciplina e obediência. Por isso, ressalta Tiba (2010),

A falta de conhecimento e o comodismo têm levado muitos pais a cobrar unicamente da escola a educação de seus filhos, esquecendo-se de que essa responsabilidade tem de ser dividida, principalmente por uma condição básica: para os pais, os filhos são para sempre. Para a escola, os alunos são passageiros. (TIBA, 2010, p. 191-192)

Chama atenção, com isso, da urgência da mudança de atitudes e posturas em relação aos comportamentos inadequados de crianças e adolescentes dessa geração privada de valores e limites. Diante a grandeza dos desvios nos aspectos comportamentais das crianças e adolescentes, faz-se necessário, que família, escola e sociedade estejam atentos e que adotem atitudes mais ativas e firmes desde o início da formação pessoal, social, afetiva, emocional de cada sujeito. Pois, com o tempo, se não houver acompanhamento, ensinamento e orientação os problemas se intensificam, o que torna um grande desafio e risco para os envolvidos.

Desta forma, frente às questões abordadas em relação aos desafios e possibilidades na educação das crianças e adolescentes, o presente trabalho busca refletir a realidade das famílias e escolas frente às vertentes do desenvolvimento

humano , considerando os aspectos socioemocionais e históricos diante as relações estabelecidas no decorrer do processo de aprendizagem.

Acerca dessa temática, o trabalho que se propõe objetiva buscar estratégias, ferramentas e possibilidades pedagógicas utilizadas pela relação família/escola frente ao desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes no processo de ensino e aprendizagem e nas relações com o eu e com o outro, diante as grandes transformações do mundo atual. Com isso, propõe-se refletir com embasamento teórico o desenvolvimento humano e suas complexidades em relação aos comportamentos, relacionamentos, atitudes e emoções, de uma nova geração frente às concepções de limite e liberdade enquanto ser social e histórico, considerando o contexto das novas tecnologias.

Diante disso, no primeiro tópico proponho analisar como os autores pensam as relações família/escola, em seguida escola/aluno e por último, família/escola/tecnologia. Metodologicamente atuo com revisões bibliográficas sobre a temática em questão, a partir de autores como Tiba (2010), Cortella (2017), Klinjey (2017), Augusto Cury (2010) , Paulo Freire (1996) e outros, para discutir a relevância da relação família/escola/aluno, considerando os aspectos socioemocionais para compreender a personalidade e fortalecer as bases do ser humano, reconhecendo-o como indivíduo autônomo em busca de sua identidade, e assim, atingir os objetivos propostos.

Família e Escola: uma relação acerca dos limites e autoridade

As transformações vivenciadas pela sociedade acarretam em mudanças sociais, econômicas, políticas, religiosas, científicas e tecnológicas que afetam a estrutura familiar, e, conseqüentemente a instituição escolar.

Por diversas vezes a experiência profissional apresenta situações nas quais os pais com a intenção de proporcionar o bem estar aos filhos deixam de estabelecer regras e limites, exagerando na superproteção, evitando situações que podem levar ao sofrimento. Segundo Gomide (2004), os pais tornam-se permissivos contribuindo para que os filhos fiquem desobedientes, rebeldes. Além disso, podem se torna adultos acomodados e descompromissados, egoístas, inseguros, sem criatividade, iniciativa e com baixa tolerância à frustração.

Por não assumirem um posicionamento de pai e mãe, exercendo a autoridade que lhes cabe para ensinar os filhos a crescer e aprender a lidar com os conflitos ao longo da vida, Paulo Freire (2000), destaca para essa realidade:

A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam,, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face a autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade. (FREIRE, 2000, p. 29)

No intuito de proteger os filhos deixam de lado a função de educar, o que inclui o estabelecimento de regras e limites, como escreve Cortella (2017),

A criança precisa compreender que existem limites na vida e que não se deve ultrapassar certas fronteiras para satisfazer todas as vontades. Se uma criança ficar traumatizada por não ser proprietária de alguma coisa, quando crescer, ela ficará condicionada a achar que os desejos são mais importantes que as limitações. (CORTELLA, 2017, p. 36-37)

Isso pode ser percebido quando comparadas as gerações anteriores, que acostumados a não ter tudo, e, a conviver com regras estabelecidas, não apresentavam dificuldades quanto ao fato de não poder ter tudo da forma como desejavam. O número de casos de depressão e suicídios entre jovens pode ser exemplificado aqui como uma das dificuldades dessa nova geração em conviver com isso.

Ao falar sobre essas questões faz-se necessário destacar o que faz parte dos estudos de Klinjey (2017), ao mostrar que os relacionamentos vivenciados pela geração atual resultam em situações conflitantes nos ambientes familiar e escolar. Sendo que, acontece devido a falta de autoridade e liberdade exagerada em decorrência da desestrutura familiar. Com isso, as crianças e adolescentes desta geração apresentam dificuldades em esperar resultados, em meio ao que a educação pode lhe oferecer, pois são imediatistas, impacientes e ansiosos.

Diante isso, Klinjey (2017), ressalta que

[...] por terem seus desejos sempre atendidos, as crianças desenvolvem ansiedade exacerbada, não suportando a mínima frustração, nem respeitando etapas ou processos comuns a tudo na vida, ou seja, não suportam esperar. (KLINJEY, 2017, p. 38)

A escola ao estabelecer regras e limites às crianças e adolescentes, muitas vezes, é mal interpretada e julgada por estar praticando atitudes que podem levar ao

constrangimento, causando traumas nos alunos. Mas, entende-se, a partir de Klinjey que tudo isso é devido essa geração não ser capacitada para lidar com as barreiras do que pode e do que deve, do que é ou não permitido. Para Bedene (2010), a família deve ocupar o seu espaço e posicionar na relação familiar, oferecendo instrução e orientação, no decorrer do desenvolvimento pessoal e socioemocional das crianças e adolescentes. Diante isso, Zanetti e Gomes (2011) refletem:

Proporcionar uma educação não rígida, que dê maior espaço para a participação da criança na família, promovendo formas de relações mais compreensivas e próximas da mesma, ao mesmo tempo em que reconheçam que a criança em idade precoce precisa ser orientada, em termos de limites, e respeitada dentro de suas possibilidades e capacidades características. (ZANETTI E GOMES, 2011, p. 500)

A tarefa de educar começa obviamente com a família ao transmitir os primeiros valores em seu dia a dia. Algumas podem permitir aos filhos liberdade para expressar opiniões, fazer questionamentos e escolhas, para que possam aprender com os seus erros e desenvolver sua personalidade. Já a maioria não consegue estabelecer limites, embora não se trate aqui de uma crítica, mas como constata Klinjey (2017),

[...] a maioria esmagadora de pais são pessoas completamente bem intencionadas, e que amam profundamente seus filhos e fazem de tudo, indo além de seus limites, para que os filhos sejam felizes, ainda que errem na dose, e que a concepção que tenham de felicidades precise ser repensada. (KLINJEY, 2017, p. 07)

Os pais na tentativa de proteger, cedem às vontades e tendem a fazer tudo pelos filhos, e isso, os impede de desenvolverem autonomia, autoconhecimento, autocontrole e autoconfiança diante as situações do dia a dia.

Destaca, com isso, a necessidade de que os pais tenham consciência e compreendam que cada indivíduo possui personalidade, a partir de sua vivência considerando a sua história de vida, os relacionamentos com os outros e com o meio em que vive. De acordo com Weber (2007, p. 95), “disciplinar não é só fazer obedecer; é mostrar as fronteiras entre o certo e o errado, os valores, os limites”. Não dar limite aos filhos é não mostrar que há causa e efeito no que se faz, pois a criança quando cresce na proporção do entendimento, cresce respeitando as pessoas e reconhecendo os seus erros.

Para Klinjey (2017), a maior parte dos pais, que viveram em gerações anteriores, tiveram uma educação rígida, com punições e cobranças, o que gerou traumas, angústias e mágoas. Para livrar os filhos do sofrimento e da frustração diante das situações difíceis da vida, os pais acreditam que oferecer aos filhos tudo o que eles próprios não tiveram, pode garantir-lhes a felicidade e que sejam pessoas melhores. De acordo com Klinjey (2017),

Muitas pessoas ainda hoje trabalham traumas advindos dessa relação danosa, sobretudo, com a figura do pai. Por incrível que pareça essa família tinha um grau de funcionalidade [...] Independente da condição econômica, havia uma ordem estabelecida no lar que criava um sentimento de harmonia, de cuidar uns dos outros. E as interferências do mundo lá fora eram bem menores. (KLINJEY, 2017, p. 15)

Falar desses traumas, mas chamando atenção para a necessidade de ressaltar, aos pais, que o resultado da educação firme e rígida que receberam foi o que lhes proporcionou serem hoje pessoas com caráter, competência, resistência e resiliência. Com isso, o autor pondera que esse pensamento dos pais, de oferecer aos filhos o que não tiveram, torna-se equivocado, uma vez que, não permitem aos filhos enfrentar situações necessárias para o seu desenvolvimento humano, privando-os de vivenciar uma perda, uma dor, um constrangimento e superar suas limitações e fragilidades.

Segundo Klinjey, proteger os filhos é um dever, porém, quando em excesso, pode ser prejudicial à convivência social e integração familiar. Os pais devem saber estabelecer limite e liberdade dosando e equilibrando os cuidados com os filhos, para que isso não se torne um grande problema. Mas, muitos pais, impedem que os filhos se desenvolvam quando direcionam e facilitam a vida deles, não dando oportunidades para que tentem enfrentar os desafios e resolver os próprios problemas.

Por isso, Klinjey (2017) diz que

[...] não custa lembrar que não bastam boas intenções, são necessárias boas práticas que resultem em filhos capazes de enfrentar desafios da vida, vida essa que, a cada geração, torna-se cada vez mais complexa. (KLINJEY, 2017, p. 07-08)

Mostra com isso que a relação pais/escola/aluno é fundamental para o bom desenvolvimento escolar das crianças e adolescentes proporcionando resultados

satisfatórios no processo de aprendizagem. Essa é uma questão comumente apontada em reuniões de professores e também de pais no contexto escolar, além de apontarem sempre a ausência dos pais que mais precisariam participar da entrega de notas e nos momentos em que são chamados a escola para tratar de assuntos relacionados aos filhos.

Por isso, é possível apontar que o grande desafio contemporâneo é articular a participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos contribuindo para o êxito do trabalho pedagógico desenvolvido pela escola. Nessa relação pais/escola/aluno, há de se considerar características de dificuldades significativas para o bom desenvolvimento da prática pedagógica.

Segundo Klinjey, alguns pais participam de forma efetiva, mas interferem no processo pedagógico quando assumem atitudes de superproteção ou ansiedade causando conflitos durante o processo de aprendizagem dos filhos. Enquanto, há pais que são ausentes, mas que exigem e cobram da escola o que deveria ser responsabilidade da família, em relação ao desenvolvimento humano. E com isso, tentam compensar a ausência agradando os filhos com presentes e dando a eles o poder de liberdade de escolha, deixando para a escola a difícil função de educar com limite e respeito. Nesse sentido declara Klinjey (2017),

Além de oferecer muitas coisas para compensar a falta, os pais têm dado às crianças muito poder de escolha quando elas ainda não têm maturidade para tal. Escolhem a que horas vão dormir, o que querem comer, o celular que desejam, que música vai tocar no carro, e por aí vai [...] A família do passado era muito claramente orientada no seguinte aspecto: os pais não tinham preocupação se os filhos os amavam ou não, mas não abriam mão do respeito. (KLINJEY, 2017, p. 22-23)

Nessa questão, Bedene (2010) analisa que o grande problema, hoje, é fazer os pais reconhecerem que cada um deve ocupar o seu espaço para ter um posicionamento certo nas relações, uma vez que, as crianças devem compreender que podem contar com os adultos responsáveis para ajudá-la e orientá-la, mas não para assumir suas obrigações e responsabilidades.

As leituras acerca do tema indicam que atualmente, os pais ou se ausentam de suas responsabilidades ou atropelam o processo pedagógico deixando para a escola toda a responsabilidade de educar. Cortella (2017: p. 79) ressalta que “a família, por ser ponto inicial de formação de alguém, de socialização de um ser

humano – seja a família nos vários modos como ela pode ser - é uma unidade de afeto, de território, de convivência”.

Logo, se as crianças não têm essa convivência real com a família, resta a elas o contato com o mundo virtual, o que é perceptível sempre que na prática profissional ouve-se delas próprias relatos informais sobre o que fazem durante a maior parte do tempo que ficam em casa.

Cortella (2017) escreve que diante dessa ausência dos pais, na atual sociedade, muitas crianças e adolescentes passam o tempo assistindo TV, jogando no computador ou celular. Quando chegam na escola, apresentam dificuldades de concentração, socialização e até mesmo, de coordenação motora. Por isso, é importante ressaltar que a participação e envolvimento dos pais no processo de aprendizagem dos filhos pode intervir de forma efetiva nas dificuldades. Sendo na escrita, na leitura, interpretação e, também, no relacionamento e interação com o meio e consigo mesmo, possibilitando a construção e aquisição da identidade pessoal.

Além disso, mostra a importância de monitorar e observar os comportamentos indesejados e inadequados que crianças e adolescentes possam vir a apresentar. Pois, é na escola que o estranhamento acontece, pois devem seguir e cumprir regras estabelecidas. A escola, muitas vezes, assume responsabilidades da família impondo autoridade e situações de limite e liberdade às crianças e adolescentes. E isso, pode gerar certo desconforto nas relações, por serem acostumados a terem o poder de decisão, escolha e liberdade para satisfazer suas vontades. Assim, lembra Cortella (2017),

[...] que a função da escola é a escolarização, o ensino, a socialização, a construção da cidadania, a experiência científica e a responsabilidade social. Mas é a família que faz a educação. A escolarização é apenas uma parte do processo de educar, não a sua totalidade. (CORTELLA, 2017, p. 51)

Certamente, quer dizer com isso que essa relação entre pais e escola devem se estreitar por proporcionar às crianças e adolescentes o desenvolvimento de comportamentos assertivos, minimizando os comportamentos evadidos, violentos e negligentes. E, de certa forma, erradicando qualquer tipo de preconceito e discriminação, quando cada um assume o seu papel no processo de aprendizagem estabelecendo uma relação de cumplicidade.

Tiba (2010) fala em relação à questão de que Família/Escola é fundamental no processo escolar de crianças e adolescentes, pois deve contribuir para uma prática pedagógica construtiva. E assim, possibilitar o desenvolvimento das habilidades e capacidades de todos, com participação efetiva dos pais. Sendo necessário disponibilizar uma qualidade de tempo para se dedicarem ao processo escolar dos filhos, compartilhando com a escola ações que promovam um aprendizado significativo. Para Tiba (2010, p. 176), “cabe aos pais acompanhar de perto as atividades mais importantes para a formação pessoal e profissional dos filhos. Cobrar obrigações feitas é fundamental para desenvolver responsabilidades e disciplina”.

Logo, é possível concluir que Família e Escola devem se unir e compartilhar um espaço e tempo para partilhar experiências, dúvidas, possibilidades na busca de soluções para os desafios que possam surgir no decorrer do processo educativo e desenvolvimento socioemocional das crianças e adolescentes. Portanto, devem assumir cada um o seu espaço e posicionamento com responsabilidade e agir de forma compartilhada para encontrarem estratégias que fortaleçam e tornem tanto o ambiente familiar quanto o ambiente escolar potenciais de crescimento, integração e desenvolvimento de todos os envolvidos no contexto sociocultural, histórico e emocional, uma vez que, estão em constantes transformações.

Relação Escola e Aluno: disciplina e afeto

Diante as transformações do mundo atual, a escola se depara com desafios diante a complexidade do contexto sociocultural e histórico em que realiza o trabalho escolar.

O desinteresse, a ausência e a falta de autoridade e disponibilidade dos pais na participação escolar dos filhos geram comportamentos inadequados em crianças e adolescentes, principalmente, na escola. Os alunos chegam atualmente à escola totalmente desestimulados para o ambiente escolar, demonstrando maior interesse por aparelhos eletrônicos, à televisão, celular, computadores, tablets e à internet, e devido a isso, apresentam graves problemas comportamentos relacionados à indisciplina e a falta de respeito entre si e com os outros.

Como descreve Klinjey (2017) tornam-se crianças e adolescentes acomodados e desinteressados. Para compensar a falta de atenção, paciência ou mesmo a dificuldade de orientar e impor autoridade e limite, alguns pais preferem contratar professores particulares para fazer o acompanhamento escolar dos filhos. E isso, apenas aumenta o distanciamento entre pais e filhos, diminuindo cada vez mais o vínculo afetivo familiar.

Para Klinjey (2017),

Ninguém terceiriza a educação dos filhos. As escolas estão em desespero, porque recebem déspotas. Crianças que gritam e humilham professores. E quando os professores relatam o que aconteceu na esperança de ter o apoio dos pais, esses dão razão aos filhos e humilham ainda mais os professores. (KLINJEY, 2017, p. 105-106)

Considerando o contexto familiar e suas complexidades, a escola se encontra em um contexto plural com suas singularidades, tendo que reconstruir sua prática pedagógica para trabalhar com as dificuldades e modalidades de ensino específicas ao ritmo de aprendizagem apresentado por cada aluno.

Diante isso, um dos desafios perceptível na criação de crianças e adolescentes é a superproteção de alguns pais, o que impede o desenvolvimento da autonomia nos filhos. Enquanto outros, devido a falta de tempo e disponibilidade para estar com os filhos, preferem não fazer exigências e cobranças, e assim, negligenciam, muitas vezes, a educação dos filhos. Diante isso, Klinjey (2017) considera que,

Infelizmente, poucos conseguem um equilíbrio, pois quando se trata de controle exercido sobre os filhos, vemos que alguns pais são altamente restritivos, ao passo que outros são absurdamente permissivos. A maioria cai entre os dois extremos. [...] Por isso, fica claro que os pais precisam entender o contexto no qual usam a disciplina, e com qual intensidade ela deve ser empregada, pois os resultados nem sempre são os esperados. (KLINJEY, 2017, p. 177)

Nesse sentido, indica que ao se deparar com crianças e adolescentes que não possuem uma referência familiar com uma postura de autoridade, que priorize um desenvolvimento equilibrado e saudável, fica difícil para a escola encontrar maneiras para partilhar responsabilidades e formar sujeitos participativos, críticos e respeitosos. Para uma boa convivência social é necessário que na relação escola/aluno/família, cada um assuma o seu papel delimitando as responsabilidades

nas tarefas de educar, dar limite e orientar valores para a formação da identidade pessoal.

Para isso, Paulo Freire (2013), sugere estimular um diálogo saudável, pois acredita que só dessa forma pode-se gerar a tolerância, reflexão e mudanças verdadeiras em qualquer relação.

Segundo Cortella (2017),

É necessário que a escolha de uma escola se dê em função de uma instituição de ensino com valores compatíveis com os que a família adota no campo da ética e do afeto. Ao mesmo tempo, que sejam valores formativos de alguém que terá uma existência mais longa do que episódios eventuais de competição, como o vestibular, o Enem, a entrada no mercado de trabalho. (CORTELLA, 2017, p. 132-133)

Segundo o autor a escola é responsável por formar, inserir valores e conteúdos que transformam comportamentos. A deficiência de afeto, carinho, amor, respeito, paciência, cuidados pessoais e autoestima vem de encontro às dificuldades no desenvolvimento emocional e problemas de aprendizagem.

Para Cortella, a criança e o adolescente depende de um responsável para não se perder no caminho tanto pessoal quanto escolar. Alguém tem que estabelecer regras, impor limites, ser exemplo, transmitir valores, apresentar respeito aos direitos e ao olhar do outro. A criança e o adolescente em sua vida, necessitam de um responsável que o guie na busca do conhecimento, de suas ambições, para assim, crescer e amadurecer.

Assim, para Alícia Fernandez (2001)

A modalidade de aprendizagem marcará uma forma particular de relacionar-se, buscar e construir conhecimentos, um posicionamento de sujeito diante de si mesmo como autor de seu pensamento, um modo de descobrir-construir o novo e um modo de fazer próprio o alheio. (FERNÁNDEZ, 2001, p.88)

Com isso, aponta que a escola ao resgatar os aspectos socioemocionais, na sua prática pedagógica, transforma as relações com o conhecimento e as interações sociais.

Klinjey (2017) mostra que agir com coerência pode resgatar vidas que se encontram no caos social e familiar. Crianças e adolescentes chegam nas escolas com dificuldades e problemas, como: separação dos pais, violência doméstica, drogas e outras mais. A partir de então, começa-se as mudanças de

comportamento, isolamento, automutilação, chegando à destruição total, o suicídio. De acordo com Klinjey (2017),

Certamente, o aumento do suicídio não tem uma única variável explicativa, mas não há como negar que a fragilidade psíquica dos jovens de hoje, fruto de uma criação superprotetora, os têm tornado muito vulneráveis [...] quando os pais pensam que, ao evitar críticas e não solicitar limites e respeito, tornarão seus filhos mais capazes e sem traumas, conseguem exatamente o contrário. (KLINJEY, 2017, p. 65)

Por isso, é necessário refletir sobre os atos, ações e atitudes que influenciam comportamentos inadequados e que deseducam. Pequenos gestos que se negam, hoje podem fazer a diferença na formação pessoal e emocional restaurando valores para superar a falta de afetividade, conflitos, fracassos e problemas depressivos.

Em meio ao contato que estabeleço com alunos da Educação Infantil observo que a família permitiu, ao longo do tempo, que o carinho, o amor, o afeto, a inocência e o respeito se esvaíssem, pois para priorizar o trabalho para aquisição de bens materiais, perdeu o senso de limites. E isso, interfere no cotidiano escolar, dificultando as relações aluno/aluno e aluno/professor.

O mundo está em constante mudança. A velocidade das transformações nos aspectos econômico, político, social e comportamental estimulam a competitividade, o consumo, a transição de conceitos familiares entre outros. Em consequência dificultam o convívio social, contribuindo para o desequilíbrio emocional humano. Diante disso, a escola se depara com novos sujeitos e comportamentos. Para Klinjey (2017),

A autodisciplina desenvolve também a capacidade emocional, em criança e adolescente, de suportar derrotas, perdas, aguentar críticas, sem sofrer abalos significativos, já que desenvolve neles um senso interno de autocontrole. (KLINJEY, 2017, p. 41)

Augusto Cury, quando aborda sobre a gestão da emoção, pontua que a escola ao considerar o desenvolvimento e a sistematização de conhecimentos deve buscar subsídios para uma educação socioemocional que possibilite construir sujeitos capazes de gerenciar os pensamentos, emoções, ações visando uma sociedade mais justa, igualitária, empática e humana.

Observa-se que a escola é um espaço de convivência permeado de pessoas ansiosas, tensas, de relacionamentos superficiais, resultado da mudança de valores

e das novas transformações que originaram um novo comportamento em crianças e adolescentes. Diante disso, é importante que a escola desenvolva em seus alunos a importância de conviver e controlar as emoções e não apenas passar conteúdo técnico, para estimular as relações intrapessoais e interpessoais na formação da personalidade.

Para isso, Augusto Cury (2010), em suas reflexões sobre Inteligência Emocional, pondera que este conceito engloba vários aspectos do desenvolvimento humano, sendo: autoconhecimento, gerenciamento das emoções e sentimentos, automotivação para atingir seus objetivos pessoais, empatia com outras pessoas no mundo e as problemáticas que envolvem, além de determinadas habilidades sociais específicas dentro dos relacionamentos interpessoais.

Nesse sentido, Klinjey (2017), considera que:

Os sentimentos, o aprendizado, enfim, a maior parte de nosso repertório emocional e intelectual é construído ao longo de nossas vidas, a partir dos relacionamentos que temos, sobretudo, com os pais. (KLINJEY, 2017, p. 30)

Para o autor a escola é um espaço de diversidades. Na atualidade não há mais espaço para uma padronização de comportamentos, cultura, perfis e estilos de vida. A escola deve tentar elaborar estratégias pedagógicas que possibilitem a aprendizagem a partir do fazer, aprender fazendo. Para que, desta forma, professor e aluno estabeleçam uma relação de cumplicidade que propicie a aquisição do conhecimento.

Paulo Freire (1996) reflete em seu livro *Pedagogia da Autonomia*:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando (...) que ironiza o aluno, que minimiza, que manda 'que ele se ponha em seu lugar' ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que exige do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, (...) transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p. 66)

Nesse sentido Rossandro Klinjey (2017, p. 156), destaca que “um ambiente de cuidados positivos com afeto, educação e respeito, tem a capacidade de reverter muitos processos”.

Vivenciamos uma realidade, em que as transformações acontecem de forma significativa, refletindo nos comportamentos e relacionamentos humanos, causando

mudanças na sociedade. A Educação se faz em um espaço de convivência e conhecimento. Nesse sentido, é necessário garantir às crianças e adolescentes o acesso ao conhecimento e a possibilidade de apropriação do mesmo, mediante uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento humano, que propicie uma aprendizagem significativa, respaldada em valores. Para Abed (2014),

É preciso deixar claro que os limites da atuação pedagógica e da responsabilidade do professor: seu compromisso com a construção do conhecimento, sustentada pelo desenvolvimento de competências e habilidades que viabilizam e revestem a aprendizagem de profundos significados. (ABED, 2014, p. 103-104)

E assim, Fernández (2001) considera que nessa relação professor/aluno o ato de aprender e ensinar acontece simultaneamente, a medida que são reconhecidos e valorizados os saberes próprios de cada sujeito envolvido no processo de aprendizagem. Para ela, o saber é construído em conjunto, considerando as trocas de experiências e conhecimentos dos envolvidos no processo de aprendizagem.

Relação Família, Escola e Tecnologia: desafios e possibilidades

Atualmente o ritmo das mudanças está cada vez mais acelerado, incorporando-se com velocidade no processo de evolução. Presenciamos uma realidade, pós-moderna, que gira em torno da expansão digital. Informações são processadas e compartilhadas a todo instante pelas mídias digitais. Diante isso, Abed (2014) ressalta:

A popularização da internet, no final do século XX, e dos instrumentos de busca e redes sociais, no início do século XXI, a globalização das economias, as novas organizações sociais do trabalho e as exigências postas pela redesenhada sociedade humana fizeram com que as inquietações e reflexões quanto ao processo de formação humana e o papel da escola ultrapassassem definitivamente os muros das universidades e alcançassem outros setores da sociedade, produzindo novos saberes e mobilizando iniciativas de pesquisas e projetos de diferentes ordens. (ABED, 2014, p. 107)

As novas tecnologias devido às exigências sociais da atualidade estão ocupando um maior espaço no cotidiano das pessoas, seja nas áreas da informação, trabalho, saúde, educação e outras. Com isso, busca-se avaliar os

benefícios das novas tecnologias na Educação de crianças e adolescentes, como também, analisar os desafios para uma utilização eficaz, dessas novas tecnologias, para o processo de ensino aprendizagem. Para isso, propõe-se refletir o papel da família e da escola diante às dificuldades que a educação enfrenta, em meio uma sociedade na era da expansão digital.

Diante a velocidade das mudanças na sociedade nessas últimas décadas, a Educação como sistema pouco se transformou, não conseguindo acompanhar o ritmo das mudanças geracionais e avanço tecnológico ao longo dos tempos.

No século em que a tecnologia tomou conta do espaço, transformou valores, modificou culturas. Para pais, educadores e sistema educacional é preciso reavaliar ações, conceitos, conteúdos, e principalmente, a formação e desenvolvimento do ser humano.

Pais e escola, em total desespero, diante dos desafios na relação família/escola/aluno no contexto das novas tecnologias, buscam possibilidades para promover uma educação eficaz e de qualidade. Segundo Klinjey (2017),

Não há como negar que o modelo familiar de nossos dias passa por uma crise sem precedentes. Desesperados, pais e mães procuram ajuda de todos os profissionais que possam, de algum modo, socorrê-los na tarefa cada vez mais difícil e complexa que é educar os filhos. Isso quando já não chegam com o caos familiar estabelecido. (KLINJEY, 2017, p. 11)

Ao considerar a realidade atual de uma sociedade repleta de artifícios, Klinjey observa que crianças e adolescentes estão adquirindo uma dependência tecnológica, devido a falta de acompanhamento diário e do laço de afeto familiar. Com isso, o ambiente escolar, se tornou num espaço desconectado ao novo perfil de crianças e adolescentes, pois, quando não podem estar conectados a tecnologia, não apresentam capacidade para suportar contrariedades, sendo necessário estímulos para obter a interação e aprendizagem.

Para Klinjey (2017),

A verdade é que se as famílias ensinassem os valores morais aos filhos em casa, teríamos muito menos desajustes emocionais. [...] Na verdade, é bem simples, as crianças não estão aprendendo com seus pais o que é certo e errado. (KLINJEY, 2017, p. 42)

Ao presenciar uma realidade que apresenta um grande avanço no acesso às novas tecnologias, observo que é necessário analisar as alterações nos

comportamentos, padrões de consumo, hábitos, referenciais culturais e na organização das práticas no processo educacional.

Klinjey (2017) demonstra que na Educação, as novas tecnologias estão tomando espaço, interferindo na relação família/professor/aluno. Isso acaba causando uma grande mudança e dando origem à novas práticas de aquisição do conhecimento para promover uma aprendizagem significativa. Atualmente, a rotina das crianças e adolescentes está permeada pelo uso da tecnologia, pois está presente nos diversos contextos em que convivem, seja em casa, na educação e no entretenimento. Pois, está presente na TV, nos computadores, aparelhos celulares, nos brinquedos, no cinema, dentre outros. As novas tecnologias estão se integrando ao modo de viver, pensar e agir de cada sujeito, possibilitando praticidade na rotina diária de cada um.

Crianças conhecem e mantêm contato com a tecnologia antes mesmo de falar e andar. A tecnologia não deixa de ser um recurso de transformação, inovação e aprendizagem que possibilita crianças e adolescentes a ter acesso à informação, a conhecer a si mesmo e os outros, a identificar o mundo a partir das relações interpessoais e intrapessoais. Mas, por ser uma ferramenta que causa prazer, se não for utilizada de forma adequada pode se tornar perigosa. Assim, Klinjey (2017, p. 31), considera que “algumas crianças têm um comportamento tão automatizado, que pensam que tudo é *touch screen*, e o que as incomoda pode sumir com o deslizar dos dedos”.

Para o autor, diante os desafios enfrentados pela sociedade em relação às transformações tecnológicas, a educação se torna um motivo de preocupação e discussão. As novas posturas e diferentes comportamentos coloca a escola diante um grande desafio: o de compreender crianças e adolescentes com múltiplas habilidades em relação ao conhecimento, mas incapazes de gerenciar seus pensamentos e emoções por não suportarem ser contrariados, frustrados ou decepcionados. Em crianças e adolescentes é importante desenvolver as competências necessárias para que possam enfrentar desafios futuros que lhes remetam a desenvolver “competências de sobrevivência”, como: a boa comunicação oral e escrita, capacidade de obter informação e analisá-la, o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas, a iniciativa, a colaboração, agilidade, adaptabilidade, por fim, a curiosidade e imaginação.

Diante disso, com relação à Educação, Tedesco (2004) diz:

Por isso mesmo, também deve dar conta das transformações que experimenta o contexto cultural imediato em que se desenvolvem as tarefas formativas, ou seja, o contexto de sentidos e significados que permite que os sistemas educacionais funcionem como meio de transmissão e integração culturais. (TEDESCO, 2004, p. 34)

Faz-se necessário observar o período de intensificação do avanço tecnológico no Brasil e o período em que as escolas começaram a inserir as novas tecnologias como recurso no processo de aprendizagem. Com esse argumento, ressalta a importância da incorporação das novas tecnologias na educação, uma vez que, faz parte das novas exigências culturais e sociais de uma sociedade em transformação.

Com as diferentes gerações surgem novos estilos de vida e crenças que constroem um mundo cheio de diversidades, resultando na integração e troca de experiências entre as pessoas. Desta forma, crianças e adolescentes quando chegam à escola possuem uma grande facilidade para aprender com as novas tecnologias. Isso acontece, porque vivem na intensa velocidade do mundo pós-moderno. Mas, diante dessa realidade atual, a escola encontra desafios em acompanhar os avanços tecnológicos. Pois, não possuem recursos e estrutura adequados, assim como, os professores encontram-se despreparados em relação ao uso e implementação dessas novas tecnologias no sistema educacional.

Nos dias atuais, faz-se necessário estudos que auxiliem o sistema educacional a lidar e compreender alunos e professores pertencentes à gerações diferentes para promover um ambiente educacional mais produtivo. Para melhorar as interações, incentivar um comprometimento mais eficaz, desenvolver novas formas de ensino, reforçar a autonomia de cada um no pensar e agir para resolver conflitos, conduzir interesses e construir condições que resultem em uma educação de qualidade e significativa. Segundo Gadotti (2000, p. 250), “não existe tempo ou espaço próprio para a aprendizagem, a aprendizagem está em todo lugar e é preciso aprender sempre.”

O processo escolar possibilita ao aluno desenvolver habilidades e competências que o permita construir seu perfil de forma individual e coletiva, articulado a si mesmo. Dessa forma, o ambiente escolar deve tornar-se um espaço de reflexão, diálogo permanente e troca de experiências entre professores e alunos.

Crianças e adolescentes, em meio a falta de atenção e afeto se tornam dependentes de algum tipo de aparelho eletrônico. Por isso, ressalta Klinjey (2017),

Muitos pais, omissos ou preguiçosos, têm comprometido fortemente o desenvolvimento emocional de seus filhos. Permitir o uso indiscriminado da internet é um dos exemplos que termina por provocar prejuízos de todas as ordens – moral e educacional – na vida dos filhos. (KLINJEY, 2017, p. 49)

Para o autor a facilidade de acesso às redes sociais, a praticidade e o reconhecimento imediato oferecido pela mídia tornam crianças e adolescentes vítimas dos aparelhos eletrônicos sem refletir sobre os prejuízos que estes podem causar. As novas tecnologias interferem e fazem mediação com os processos de informação e comunicação das pessoas.

Nos ambientes familiar e educacional as novas tecnologias apresentam um efeito primordial na busca da diversidade multidisciplinar com efeitos positivos, desde que sejam utilizados com fins pedagógicos e de forma adequada.

As novas tecnologias possuem um aspecto importante para o desenvolvimento, sendo um recurso preponderante na forma das pessoas se comunicar, aprender e viver.

Conforme Cortella (2017, p. 94), “é absolutamente necessário que pais e mães acompanhem com muita atenção os conteúdos a que os jovens estão expostos. Não se trata de uma censura, mas de uma supervisão”.

Isso por considerar que as tecnologias abrem caminho para a construção de uma sociedade conectada e articulada à informação. As crianças e adolescentes tem acesso à informação com muita velocidade, podendo gerar conflitos tanto no ambiente familiar quanto ambiente escolar. O acesso a essas tecnologias deve ser realizado de forma relevante e adequada para proporcionar a mediação do conhecimento, a fim de contemplar o sucesso esperado pelos contextos familiar e escolar. A partir disso, pode proporcionar oportunidades e desafios aos pais e à escola, por ser necessário uma tomada maior de tempo para orientação e acompanhamento.

Atualmente o uso das tecnologias torna-se fundamental na prática educacional, pois possibilita a construção do conhecimento através dos avanços, dando oportunidade a uma metodologia avançada que contribui para a formação de crianças e adolescentes que vivem em uma era digital. Sendo assim, por mais que seja transformada a tecnologia, a presença do professor para auxiliar, instruir e

orientar, é fundamental, pois é o mediador, o facilitador e indispensável no processo de aprendizagem.

Dessa forma, surge um novo perfil de professor capaz de mediar o conhecimento através da tecnologia, avanço e informação, desempenhando suas potencialidades e uma nova prática pedagógica com inovação e dinamismo.

O ato de ensinar, não pode ter padrão e ideias específicas. Deve-se considerar as transformações e crises advindas das diferentes gerações que desafiam família e escola a encontrar alternativas para promover uma aprendizagem eficaz de crianças e adolescentes com suas particularidades em relação ao seu desenvolvimento humano em meio ao contexto das novas tecnologias.

De acordo com Klinjey (2017),

[...] as redes sociais têm gerado uma sede exagerada de popularidade, de seguidores, como nova forma de status para as crianças e jovens de hoje. Não se pode tolher essa tendência e reprimir. Mas, é importante certificar-se de que seus filhos, sobretudo quando crianças, só aceitam mensagens de amigos e solicitações de contato de pessoas conhecidas. (KLINJEY, 2017, p. 47)

A nova geração por não permitir limites e ruptura com o novo, por crescer conectada é repleta de questionamentos e dúvidas que a fragilizam em relação às expectativas no processo de aprendizagem, uma vez que, requer práticas que orientem crianças e adolescentes por meio de valores, alterando comportamentos. Assim, Klinjey (2017) ressalta que,

[...] há uma lacuna digital entre os pais e os filhos, uma vez que esses dominam muito mais as tecnologias. Não há muito que fazer sobre isso. Portanto, o exemplo e os valores são os patrimônios mais significativo que podemos deixar para os filhos. (KLINJEY, 2017, p. 54)

Crianças e adolescentes necessitam de referenciais voltados a valores, que permitam a busca pelo conhecimento e o desenvolvimento das habilidades. Diante isso, Klinjey (2017) destaca que,

[...] quando você não ensina ao seu filho que ele não está sozinho no mundo, reinando absoluto, você não constrói nele uma noção essencial no desenvolvimento psíquico, a de que existe o outro e que para se relacionar com esse outro é preciso respeito e acordos. (KLINJEY, 2017, p. 38)

Para a Educação atender à nova demanda social, é necessário traçar alternativas que provoquem a reflexão e discussão em relação aos papéis que família/escola/sociedade devem assumir no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes.

Ao considerar as transformações nos contextos familiar e escolar em relação aos avanços tecnológicos, deve-se estreitar a relação família/escola. Conciliando evolução com qualidade, abolindo paradigmas ultrapassados, para que a Educação não fique estagnada no tempo.

Portanto, família/escola/sociedade devem buscar compartilhar um compromisso mútuo. E, com isso, exercer a função de instruir e orientar, possibilitando às crianças e adolescentes oportunidades para desenvolver competências e habilidades, favorecendo a aquisição de conhecimento em uma realidade social, histórica e temporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao presenciar uma realidade de grande avanço das tecnologias, observo comportamentos de crianças e adolescentes diante às transformações deste novo contexto ao qual estamos inseridos.

Muitas vezes, por não compreender as mudanças nas atitudes dos pais quanto ao comportamento dos filhos e a falta de autoridade em impor, percebia-me diante uma imaturidade familiar.

Quando me deparo com situações que crianças impõem suas vontades, volto ao tempo e penso na educação que recebi de meus pais. Tive uma criação rígida, mas respaldada no amor e no respeito. Diante todas as dificuldades, meus pais foram presentes durante o meu processo de desenvolvimento, e formação pessoal e escolar.

Hoje, os pais ficam a mercê dos filhos, cedendo às vontades e caprichos, sendo que, muitos nem possuem condições financeiras para isso.

Os padrões atuais de vida estimulam o consumismo e materialismo. E isso, leva famílias a priorizarem o “ter” como garantia de felicidade. Mas, sabe-se que essa felicidade é passageira, pois a tecnologia está em constante transformação e o

“novo” surge a todo instante, levando crianças e adolescentes a não estarem satisfeitos e a não valorizarem o que têm.

A educação rígida que recebi foi essencial para minha formação pessoal e conduta diante a sociedade em que estou inserida. Fui criada mediante princípios e valores éticos e morais que, hoje, prezo e tento repassar aos meus alunos.

Este trabalho surgiu a partir de questionamentos diante a realidade que vivencio nos ambientes escolares que atuo como professora, nos ambientes de convivência que frequento e nas relações que estabeleço com os pais.

Ao observar uma inversão de condutas e valores na relação pais e filhos e o desafio da escola em integrar essas crianças e adolescentes em um contexto de disciplina e regras estabelecidas, tentei buscar, em autores como Cortella, Klinjey, Tiba, Augusto Cury e Paulo Freire, possibilidades capazes de melhorar as questões de afeto e respeito nos relacionamentos entre família/escola/aluno.

Diante a pesquisa bibliográfica proposta neste artigo, ao considerar leituras e reflexões dos autores citados, assim como abordagens de coaches , compreendo que é essencial o diálogo entre pais e filhos, baseando-se em uma relação de respeito e afeto. E com isso, através do equilíbrio e harmonia na relação, a família possa assumir com afetividade o papel de educar.

Na escola, a prática pedagógica deve estar voltada para a construção de melhores condições possíveis de desenvolvimento das habilidades e de aspectos socioemocionais de crianças e adolescentes, considerando o impacto da expansão digital. Mas, para isso, deve-se proporcionar ao professor preparação e condições para realizar a mediação da aprendizagem de forma consciente, eficaz e significativa.

Família e escola tem um papel muito importante no processo de desenvolvimento humano de crianças e adolescentes. Pois, todo ser humano necessita desenvolver suas habilidades sociais e emocionais para viver em sociedade, estabelecendo relações mais saudáveis nos contextos em que está inserido.

Em meio às influências atuais que aceleram o tempo, estimulam a inversão de papéis na relação família/escola, enfatizam a dilaceração de valores sociais, étnicos, religiosos e familiares, deve-se mostrar às crianças e adolescentes os riscos provenientes de atitudes e comportamentos no decorrer da vida. Para que assim, ao serem orientados e instruídos, consigam encarar os desafios como

procedimentos de aprendizado, considerando as quedas, tropeços, feridas, cicatrizes que venham a surgir como fatores que colaborarão para o desenvolvimento e crescimento enquanto ser humano.

O processo de aprendizagem é complexo e contínuo, sendo muitas vezes, tenso para pais, professores e alunos. Considerando o contexto das transformações do século XXI, a aprendizagem acontece mediante as interferências e a influência dos outros de forma individual, coletiva, histórica e cultural, manifestando nas mediações das interações sociais.

A família tem o papel de orientar, instruir e se fazer presente no processo de desenvolvimento e formação de crianças e adolescentes, diante uma realidade em constante transformação. Através do diálogo mútuo reconhecer e valorizar habilidades e competências. Ensinar valores éticos e morais por meio de exemplos, mostrando que há consequências para cada atitude e tomada de decisão no decorrer da vida.

Já o papel da escola é a escolarização voltada para o desenvolvimento das habilidades e competências de crianças e adolescentes, possibilitando a partir das relações estabelecidas com o eu, com o outro e com o mundo a aquisição do conhecimento. A escola deve ser um espaço de aprendizado mediante a vivência e experiências de troca de cada ser humano nas relações estabelecidas no decorrer do processo de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Considero que as influências atuais diante toda modernidade e inovação tecnológica proporciona uma vida mais prática, mas distancia as relações pessoais.

Cortella (2017) fala da presença dos pais na educação dos filhos como insubstituível. Por isso, os pais devem rever a disponibilidade de tempo para a família e o trabalho, sendo esse tempo, questão de decisão própria, de preferência, de analisar prioridades. Segundo Cortella (2017, p. 26), “Os pais precisam eleger qual é a prioridade. [...] é preciso cuidar, e isso toma tempo, demanda reeleger a prioridade [...] Priorizar significa olhar as outras dimensões da vida e escolher de qual vai abdicar”.

Com este trabalho, percebo que as pessoas mudaram o modo de agir, pensar, comunicar e relacionar mediante expectativas que podem acarretar decepções e frustrações. E isso, é perceptível quando crianças e adolescentes, dessa geração, devido ao excesso de proteção e ausência dos pais apresentam

comportamentos inadequados diante situações em que são contrariados ou que não conseguem atingir o objetivo esperado.

A tecnologia adentrou em uma geração de avanço tecnológico acentuado. No mundo de hoje, fica difícil viver sem o uso da tecnologia. Essa troca de informações através das redes sociais é um fenômeno mundial, que por um lado traz benefícios, praticidade para o dia a dia, mas por outro colabora para sérios transtornos nas relações intrapessoais, interpessoais e com o mundo. Por isso, é preciso buscar equilíbrio entre o virtual e o real, sem perder o bom senso.

O excesso ao utilizar as redes sociais priva o relacionamento de crianças e adolescentes com o meio em que vivem, tornando-se prejudicial, por ser uma ferramenta perigosa quando utilizada de forma inadequada.

Desta forma, é importante a implantação de ações e práticas familiares compartilhadas à ações e práticas pedagógicas que colaborem na construção e formação de um sujeito capaz de lidar com os desafios cotidianos, estabelecendo relacionamentos em que as limitações e diferenças sejam aceitas e compreendidas como um processo de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Em meio a tudo o que foi abordado a partir das leituras dos autores citados e da minha condição como professora da Educação Infantil e Fundamental, considero que crianças e adolescentes adotam certos comportamentos devido a uma carência no desenvolvimento emocional. São indivíduos que durante o processo de desenvolvimento e formação pessoal necessitam de uma base para se fortalecer e encarar os desafios oriundos do dia a dia numa sociedade em transformação.

Portanto, é essencial estabelecer possibilidades para o autoconhecimento, a aquisição do conhecimento e acesso aos recursos disponíveis, considerando e respeitando as competências e habilidades das crianças e adolescentes para a efetivação dos resultados esperados. O uso de recursos interativos e dinâmicos devem auxiliar o aluno, de forma que adquira autonomia, durante a aprendizagem, na compreensão do que utiliza e aprende.

Deste modo, o artigo propõe o fortalecimento das relações família/escola, escola/aluno e família/escola/tecnologia, considerando o desenvolvimento humano no aspecto socioemocional para o enfrentamento dos desafios e diversidades na educação de crianças e adolescentes no contexto das novas tecnologias mediante uma sociedade em transformação.

Mediante o que foi discutido no decorrer do presente artigo, considero as reflexões e abordagens dos autores citados importante contribuição para o pleno desenvolvimento humano de crianças e adolescentes em uma sociedade em constante transformação. Mas, quero aqui citar, em especial, as reflexões de Cortella (educador), Rossandro Klinjey (psicólogo) e Augusto Cury (psiquiatra/professor) que foram a fundamentação para a realização deste. Para eles, é preciso reconhecer e atuar nas múltiplas inteligências e diferentes estilos cognitivos-afetivos de crianças e adolescentes utilizando ferramentas e ações que promovam o desenvolvimento socioemocional proporcionando o autoconhecimento.

A partir disso, penso que a escola pode se tornar um espaço privilegiado de desenvolvimento integral. Considerando as relações estabelecidas no processo de ensino aprendizagem, vale ressaltar a possibilidade da escola em adotar programas de educação socioemocional, cujas atividades promovam a participação de toda a comunidade escolar. Um exemplo disso, é a Escola da Inteligência de Augusto Cury, um programa voltado para a desenvolvimento da inteligência emocional, da saúde psicossocial e da construção de relações saudáveis, através de aulas semanais com alunos e reuniões periódicas com pais e colaboradores. Outro exemplo é o Instituto de Crescimento Infante Juvenil - ICIJ, de Márcia Belmiro, idealizadora dos métodos Kids Coaching e Teen Coaching, cujo objetivo é capacitar pais e educadores para a promoção do desenvolvimento emocional e comportamental de crianças e adolescentes.

Sendo assim, esse trabalho me proporcionou reavaliar conceitos e refletir sobre questões em relação à família e à escola, diante os desafios de um novo contexto articulado aos avanços tecnológicos. E com isso, considerar crianças e adolescentes em suas singularidades, respeitando suas habilidades, competências e sentimentos na relação que estabelecem com o meio em que vivem e consigo mesmo. Diante isso, é importante ressaltar que atitudes respaldadas em valores podem garantir a felicidade nos pequenos e mais simples gestos de amor e respeito.

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita Lilian Zuppo. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e sucesso escolar de alunos da educação básica.** São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.
- ABREU JR., Laerthe. **Conhecimento transdisciplinar: o cenário epistemológico da complexidades.** Piracicaba-SP: Ed. Unimed, 1996.
- BEDENE, MR. **Caderno Temático: reflexões sobre o enfrentamento da indisciplina entre jovens, adolescentes.** PDE. Porto-Portugal: Universidade Fernando Pessoa, 2010.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **Família: urgências e turbulências.** São Paulo: Cortez, 2017.
- CURY, Augusto. **Treinando a emoção para ser feliz.** São Paulo: Academia de Inteligência, 2010.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **Os idiomas do aprendente.** Porto Alegre: Artes médicas, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia da Indignação.** Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- GOMIDE, Paula I. C. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- KLINJEY, Rossandro. **Help, me eduque.** 1ª ed. São Paulo: Intelítera Editora, 2017.
- MORIN, Edgar & LE MOGNE. **A inteligência da complexidade.** São Paulo: Peirópolis, 2000.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- NAIR, Keshavan. **A Arte da Paz: lições de Mahatma Gandhi para sua empresa.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

OLIVEIRA, Nayron Carlos; SILVA, Adriana Lopes Barbosa. Docência no Ensino Superior: o uso de novas tecnologias na construção da autonomia do discente. **Revista Saberes da FSP**, vol.3, nº 2, jul /dez, p.03-13, 2015. Disponível em: <https://facsaopaulo.edu.br/por-que-a-fsp/revistasaberes/edicao3>. Acesso em: 30 set. 2018.

REVISTA CONSTRUIR NOTÍCIAS. Recife-PE: Editora Construir, edições de 2014 a 2018. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br>. Acesso em: 2017.

TEDESCO. Juan Carlos. **Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!:** formando cidadãos éticos. Edição atualizada. São Paulo: Integrate Editora, 2007.

_____. **Educar para formar vencedores:** a nova família brasileira. São Paulo: Integrate Editora, 2010.

_____. **Disciplina:** limite na medida certa. Novos paradigmas. Edição revisada atualizada e ampliada. São Paulo: Integrate Editora, 2006.

WEBER, Lídia. **Eduque com carinho:** equilíbrio entre amor e limites. Curitiba: Juruá, 2007.

ZANETTI, S.A. & GOMES, I.C. **A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea:** determinantes e consequências. São Paulo: USP, 2011.